A ATUAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maísa Teixeira de Paula [1]

Bruno César da Silva Alves [2]

Bruna Gabrielly da Silva [3]

Maria do Carmo Gonçalo Santos [4]

RESUMO

O presente trabalho surge a partir de experiências vivenciadas por três estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE–CAA), vinculada as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica II e Estágio Supervisionado III dos respectivos cursos. O estudo evidencia que incluir crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil não é simples. As escolas precisam se dedicar de verdade, e a gestão escolar tem um papel fundamental nesse processo. Este estudo busca entender como a gestão escolar trabalha para garantir a inclusão de crianças com TEA na educação infantil, a partir de uma pesquisa numa creche municipal de Cachoeirinha - PE. Apoiando-se em autores que pensam gestão escolar, inclusão e gestão democrática, como Freire (1997), Werneck (1997), Libâneo (2001), Lück (2006) e Paro (2008), usando uma abordagem qualitativa a partir de Minayo (1994). Para chegar aos resultados, observando o cotidiano da creche, conversamos com a equipe gestora, professores, cuidadores e a psicopedagoga em entrevistas semiestruturadas, e foi aplicado um formulário online aos profissionais da instituição. Os resultados mostram que a gestão entende sua responsabilidade no processo de inclusão e aposta em acolhimento, diálogo e articulação pedagógica. No entanto, surgem desafios ligados à formação continuada dos profissionais, à participação dos cuidadores nos momentos de formação e à necessidade de organizar melhor as ações inclusivas. Desse modo, para a inclusão acontecer de verdade, a gestão precisa ser democrática, participativa e realmente comprometida com o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Gestão Escolar, Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Educação Infantil, Formação Continuada.

[1] Licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA). E-mail: maisa.tpaula@ufpe.br;

[2] Licenciado em Física (2026) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA). E-mail: bruno.csalves@ufpe.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9279-8693;

[3] Licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA). E-mail: brunagabrielly.silva@ufpe.br;

[4] Doutora em Educação (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Adjunta do Núcleo de Formação Docente (NFD) do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA-UFPE), e orientadora. E-mail: maria.cgsantos@ufpe.br.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil tem se consolidado como um dos maiores desafios enfrentados pelas instituições educacionais. Nesse cenário, destaca-se o papel do estado para assegurar os direitos adquiridos do aluno que deve atuar como mediadora de práticas pedagógicas inclusivas, promovendo um ambiente educacional capaz de acolher as singularidades e garantir o pleno desenvolvimento de todas as crianças, inclusive daquelas com necessidades específicas.

Este trabalho tem como objeto de estudo a atuação da gestão escolar no processo de inclusão de crianças com TEA em uma escola de ensino fundamental I da cidade de Caruaru-PE. A proposta é analisar de que forma a gestão contribui para a construção de uma escola inclusiva na educação infantil, considerando o ensino primário como uma etapa fundamental para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo.

O gerenciamento escolar vai muito além das atribuições burocráticas e organizacionais, assumindo dessa maneira uma função política e pedagógica fundamental para garantir o cumprimento dos princípios da inclusão. Conforme destaca Libâneo (2001, p. 131), "[...] a gestão da escola diz respeito à estrutura de funcionamento, às formas de coordenação e gestão do trabalho, ao provimento e utilização dos recursos materiais [...]", ou seja, isso significa que a forma como a escola se organiza influencia diretamente sua capacidade de atender às necessidades de todas as crianças, especialmente as com TEA, assegurando-lhes não apenas o acesso, mas o seu desenvolvimento no ambiente escolar.

Nesse contexto, cabe salientar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta principalmente a comunicação, a interação social, o comportamento e a sensibilidade sensorial do indivíduo. Essas características impactam diretamente a forma como a criança aprende e se relaciona com o ambiente escolar em que está inserido. Por isso, a simples presença da criança com TEA na sala de aula não é suficiente, é necessário que haja um compromisso institucional, liderado pela gestão, para que o processo de inclusão realmente aconteça.

Dessa forma, a presente pesquisa pretende contribuir com reflexões que evidenciem o trabalho da administração escolar como agente transformador na garantia

do direito à educação inclusiva desde os primeiros anos de escolarização, promovendo o desenvolvimento das crianças autistas.

Partindo de tais reflexões, surge a seguinte problemática como norteadora deste estudo: Como se dá a atuação da gestão escolar na inclusão de crianças com (TEA) na educação infantil? Em consequência disso, como pressuposto, supõe-se que a gestão desempenha um papel fundamental no processo inclusivo de crianças com TEA na educação primária ao organizar ações para promover e garantir condições adequadas para um ensino que engloba a todos.

O incentivo para a escolha desse objeto de estudo surgiu de forma pessoal, após o meu contato com crianças autistas, quando comecei a atuar como profissional de apoio da rede pública de ensino na educação infantil da cidade de Caruaru-PE. Além disso, a disciplina de Gestão Educacional f.oi minha base norteadora para compreender os princípios da gestão escolar. Após algumas reflexões, foi possível observar uma exigência de aprofundar como se desenvolve o aperfeiçoamento da conduta gestora voltada para a escola como um todo, mais especificamente no tange a inclusão. Ademais, percebi a necessidade que existe nesta temática para o ambiente escolar, sendo extremamente essencial para a melhor compreensão sobre as crianças com TEA e como construir um espaço mais participativo e democrático para o envolvimento de todas crianças.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos a observação do ambiente escolar, entrevistas semiestruturadas com a equipe administrativa e formulários de onde foi obtido alguns gráficos. A escolha metodológica visa compreender o fenômeno investigado a partir da realidade concreta vivida no chão da instituição de ensino, considerando o ponto de vista dos sujeitos envolvidos, bem como suas práticas, percepções e desafios enfrentados no procedimento inclusivo.

A relevância deste estudo se justifica tanto pela importância do tema para o campo da educação inclusiva, quanto pela necessidade de fortalecer a gestão escolar como promotora de uma escola acolhedora e democrática. Espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para a reflexão sobre práticas mais humanizadas e eficazes na gestão educacional, apontando possíveis caminhos para que as crianças autistas tenham seu direito de aprender e se desenvolver em suas potencialidades. Além disso, destaca-se a relevância socioeducacional desta pesquisa ao propor uma análise crítica sobre a atuação do gerenciamento escolar no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil.

Para a realização deste estudo foi necessário a contribuição de alguns estudiosos e de algumas leis. Foram eles : Bartnik, Helena Leeomir de Souza, 2012; Biddle, B. J. & Anderson, D. B., 1986; Freire, Paulo, 1997; Governo do Brasil, 1990; Governo do Brasil, 1996; Governo do Brasil, 2012; Grochoska, Marcia Andreia, 2014; Libâneo, José Carlos, 2001; Luck, Heloisa, 2006ª; Luck, Heloisa, 2006b; Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2023; Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.), 1994; Oliveira, C. C. de & Valença, C. M. de, 2015; Paro, Vitor Henrique, 2008; Saviani, Dermeval, 2008; Steiner, Carlos Eduardo, 1998; Werneck, Cláudia, 1997. Assim, ao aprofundar nas teorias e regularidades das leis será possível destacar a importância de uma gestão que preza por práticas inclusivas.

Com isso, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como a gestão escolar atua na promoção da inclusão de crianças com TEA na educação infantil. Como objetivos específicos, procurou-se: investigar quais estratégias são utilizadas pela gestão para garantir a inclusão de crianças autistas na educação primária e identificar os principais desafios enfrentados no processo de inclusão dessas crianças.

2 A ATUAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A presente seção, apresenta uma discussão que aborda o papel da gestão escolar na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil, considerando as estratégias, os desafios e as ações necessárias para promover o desenvolvimento integral e garantir uma educação inclusiva.

2.1 Gestão escolar e suas estratégias para garantir a inclusão de crianças com TEA

A gestão escolar ocupa posição estratégica na construção de práticas inclusivas, pois sua atuação não se limita às tarefas administrativas. Para Lück (2006), a gestão educacional envolve participação, autonomia e articulação dos diferentes sujeitos da escola. Nessa perspectiva, a inclusão de crianças com TEA exige que a equipe gestora organize ações pedagógicas, acompanhe as necessidades dos estudantes e favoreça o diálogo entre professores, cuidadores, famílias e demais profissionais.

Essa atuação também se relaciona à garantia do direito à educação. A Lei nº 8.069/1990 e a Lei nº 9.394/1996 asseguram igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Assim, a matrícula, por si só, não efetiva a inclusão: é necessário criar condições de participação e aprendizagem. Paro (2008) reforça que a administração escolar deve estar vinculada às finalidades educativas, o que implica mobilizar recursos e pessoas para responder às necessidades concretas dos estudantes.

2.2 O papel da gestão escolar no desenvolvimento integral da criança com TEA na educação infantil

O desenvolvimento integral da criança com TEA requer que a escola considere suas particularidades e potencialidades. A Lei nº 12.764/2012 reconhece a pessoa com Transtorno do Espectro Autista como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, reforçando seus direitos. No contexto escolar, isso exige práticas que contemplem não apenas a aprendizagem, mas também os aspectos sociais, afetivos, comunicacionais e de autonomia.

Nesse processo, a gestão democrático-participativa articula os profissionais responsáveis pelo acompanhamento da criança. Grochoska (2014) destaca a participação e a responsabilidade coletiva na organização escolar. Assim, a gestão deve promover planejamento, escuta e acompanhamento, aproximando professores, cuidadores, equipe pedagógica e famílias para favorecer decisões articuladas e o desenvolvimento infantil.

Além disso, cabe à gestão acompanhar as condições oferecidas pela instituição e promover o acolhimento e o respeito às diferenças. A parceria entre escola e família permite compartilhar informações sobre as necessidades, os avanços e as dificuldades da criança. Dessa forma, o desenvolvimento integral torna-se uma responsabilidade coletiva, construída por meio de práticas pedagógicas que valorizem as potencialidades de cada estudante.

2.3 Desafios da gestão escolar na inclusão de crianças autistas na educação primária

Apesar dos avanços legais, a efetivação da inclusão ainda apresenta desafios relacionados à formação continuada, à disponibilidade de profissionais de apoio, aos

recursos pedagógicos e à articulação entre os sujeitos da escola. Werneck (1997) defende uma perspectiva inclusiva baseada no reconhecimento da diversidade humana, o que exige superar práticas que responsabilizam apenas um profissional pelo atendimento da criança com deficiência.

Nesse sentido, a gestão precisa construir respostas coletivas para as dificuldades encontradas no cotidiano. A perspectiva de Freire (1997) valoriza o diálogo e a reflexão sobre a prática, princípios importantes para processos formativos que envolvam professores, cuidadores e demais profissionais. Portanto, uma gestão comprometida com a inclusão deve favorecer formação, escuta e planejamento conjunto, buscando garantir não apenas o acesso da criança com TEA à escola, mas sua participação, aprendizagem e desenvolvimento.

Outro desafio consiste em transformar os princípios inclusivos em práticas permanentes da instituição. Para isso, é necessário que a gestão identifique as dificuldades presentes no cotidiano, acompanhe as demandas dos profissionais e estabeleça estratégias que envolvam toda a comunidade escolar. A formação continuada e os espaços coletivos de diálogo podem contribuir para que professores e cuidadores compartilhem experiências e construam alternativas diante das situações encontradas, fortalecendo uma atuação institucional mais articulada e comprometida com a inclusão.

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por se tratar de um estudo que busca compreender de forma mais profunda as ações, significados e experiências relacionadas à atuação da gestão escolar na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil.

Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica da observação participante, registrada por meio de diário de campo, que possibilita ao pesquisador estar presente no ambiente investigado e observar diretamente as interações e práticas desenvolvidas no cotidiano escolar. De acordo com BIDDLE E ANDERSON (1986), a observação participante permite ao pesquisador adentrar o universo dos sujeitos e registrar, de forma sistemática, os eventos e comportamentos observados, favorecendo a identificação de padrões e sentidos presentes naquele contexto:

> A observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo. São feitas anotações detalhadas em relação aos eventos testemunhados, quais são organizadas e classificadas de forma que o pesquisador possa descobrir os padrões de eventos que apareceram naquele mundo (BIDDLE e ANDERSON, 1986, P.237).

Além da observação em campo, também foram utilizados como instrumentos de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e a realização de um formulário online. Esses instrumentos foram aplicados aos profissionais da instituição pesquisada, como membros da equipe gestora, professores e outros funcionários da escola, com o objetivo de obter informações sobre como a gestão escolar tem atuado para promover a inclusão de crianças autistas no ensino primário. As entrevistas permitiram uma escuta mais aprofundada das percepções e experiências dos sujeitos, enquanto os questionários complementaram a coleta de dados com respostas mais diretas e objetivas.

Em vista disso, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com a gestora, coordenadora pedagógica, com a professora cuja sala de aula mais tinha crianças com TEA e com a psicopedagoga, buscando compreender suas experiências, estratégias e desafios relacionados ao processo de inclusão. Já o formulário online foi realizado com todos os funcionários da creche, onde dos 44 funcionários, que compõem professores, limpeza, portaria, cozinha e gestão, 24 responderam. Foram realizadas 10 perguntas, todas correspondentes a temática, no formulário além de respondem as perguntas eles deixavam as respectivas informações: nome completo, formação e a função deles na creche, no questionário também estava presente a informação de que os dados contendo a identificação deles não seria exposto, o formulário foi compartilhado nos grupos da escola por meio da gestora. Também foi observado registros fotográficos de momentos significativos, especialmente no perfil do Instagram, a fim de ampliar a compreensão sobre como a escola se apresenta e comunica suas ações. A escolha desses instrumentos foi pautada na intenção de responder ao problema de pesquisa e alcançar o objetivo central do estudo, que é analisar como a gestão escolar atua na promoção da inclusão de crianças com TEA no contexto da educação infantil.

A presente pesquisa foi realizada em uma creche municipal situada na cidade de Cachoeirinha, no interior de Pernambuco. O estudo teve duração total de 30 horas, distribuídas em 10 visitas presenciais, com três horas de permanência em cada encontro. Ao longo desse período, foram observadas as práticas cotidianas da instituição, com

ênfase na atuação da gestão escolar no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. Além da observação direta, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas presenciais e também foi realizado um formulário online para todos os profissionais da instituição, que foi publicado com a ajuda da equipe gestora, com o objetivo de compreender suas percepções, desafios e estratégias adotadas em relação à inclusão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Falar sobre a inclusão de crianças atípicas na educação é também falar sobre cuidado, respeito e compromisso para com o outro. É nesse contexto que a gestão escolar assume um papel central, pois, é ela quem dá os primeiros passos para garantir que cada criança se sinta acolhida, respeitada e parte de um ambiente coletivo, bem como traz a C da creche:

> O papel da gestão escolar no processo de inclusão de crianças autistas na educação Infantil é fundamental e estratégico. Na minha opinião, a gestão deve atuar como uma facilitadora, promotora de uma cultura inclusiva e articuladora entre todos os envolvidos no processo educacional, professores, famílias, equipe pedagógica e demais. (Extrato da Entrevista com C)

E em seguida D afirma que:

> O papel da gestão é importantíssimo para que a inclusão das crianças com TEA aconteça, eu tento garantir e fazer o melhor possível para que todas as crianças, independente das necessidades tenham igualdade e respeito, esse é o meu objetivo como gestora, é o objetivo da creche. (Extrato da Entrevista com D)

As contribuições de C e D nos remete a fala de WERNECK (1997) que incluir é reconhecer o outro como legítimo em sua diferença, e isso exige coragem, empatia e ação. Pode-se observar que quando C afirma que a gestão deve ser uma facilitadora e promotora de uma cultura inclusiva, ela está apontando para uma postura de cuidado que atravessa toda a parte administrativa da escola. Isso mostra que, mais do que cumprir uma função, a gestão escolar precisa se envolver de forma afetiva e ativa na construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo, esse é o seu papel de fato.

Durante a observação em campo, logo nos primeiros momentos, já era possível notar o esforço de G em criar um ambiente acolhedor, assim como foi notado:

> A maneira como a gestora fala com as crianças que tem autismo é como se realmente ela conhecesse aquela criança, a tratando de forma muito acolhedora com beijos e abraços. Eu consegui observar ainda que a gestora tem um filho de 8 anos que tem autismo, ele esteva com ela pois estava de férias da escola. Por esse motivo ela está sempre estudando sobre o TEA, é interessante que ela consegue, através de sua experiencia, trazer ânimo para várias famílias que tem filhos autistas, não aparenta ser algo forçado, mas parte do modo de ser da gestora. (Extrato do Diário de Campo do Dia 07/07/2025)

Nesse sentido, foi observado que G demostra aquilo que prega em suas falas de uma gestão inclusiva, seu jeito de falar com as crianças com autismo, com cuidado e naturalidade, revela uma escuta atenta e um afeto que não se aprende nos livros, mas nasce da experiência e do compromisso com o outro. Isso se conecta com o que LUCK (2006) propõe sobre a liderança na educação, onde é ressaltado que o gestor precisa ir além da organização da escola e agir com sensibilidade, com olhar humano, sendo alguém que promove o cuidado e a construção de relações de confiança.

Pode-se destacar através dessa afirmação que mais de 50% dos funcionários da creche consideram que a gestão promove um ambiente acolhedor para as crianças autistas visando a inclusão delas. Desse modo, foi analisado que o papel da gestão para com essas crianças na escola se dá através de relações humanas que visam criar um ambiente que respeite a singularidade de cada ser.

Dessa maneira, após analisar essas entrevistas, pode-se dizer que alguns professores não se sentem apoiados pela ação da gestão para lidar com crianças autistas, sendo assim pude perceber que não basta querer incluir, é preciso estar presente em vários setores para que de fato aconteça, aliás, são os docentes que estão constantemente em sala de aula com essas crianças, é necessário ouvi-los com sensibilidade e agir junto com eles em prol da inclusão. Nessa perspectiva, FREIRE (1997) nos lembra que ensinar exige compromisso, e que esse compromisso se constrói no caminho, no dia a dia, com trocas reais, com mãos estendidas e olhares atentos, portanto, a gestão escolar, precisa caminhar lado a lado com os educadores, construindo com eles práticas mais humanas, afetivas e possíveis de serem realizadas.

Outrossim, também deve ser apontado que em todas as turmas que tem crianças atípicas existe um profissional que atua como cuidador delas. Esse profissional acaba muitas vezes assumindo um papel de professor para com a criança, pois lhe é atribuído mais do que a sua função em sala de aula. Para esse contexto, vale ressaltar que quando

a equipe gestora aplica seu direcionamento aos professores ela faz isso apenas com eles, não promovendo um momento em conjunto com os cuidadores, sendo que são eles que mais tem convívio com as crianças autistas, bem como destaca A:

> Quando tem as formações feitas pela gestão é apenas com os professores, não estamos presentes, não somos convidados. Nesses momentos eu acho que os professores dizem como está aquela determinada criança atípica para a gestão, de acordo com o que elas observam em sala. Com a gente só acontece momentos de escuta em casos particulares quando acontece alguma coisa, tirando isso não há momentos para falar sobre essas crianças com a equipe de gestão. (Extrato da Entrevista com A)

A partir dessa análise, nota-se que, embora a gestão reconheça a importância da formação continuada, ainda há uma lacuna significativa no envolvimento de todos os segmentos da equipe. Os cuidadores, apesar de seu papel essencial no cotidiano das crianças autistas, permanecem à margem de ações formativas e estratégicas voltadas para a inclusão. Isso reforça a importância de uma abordagem verdadeiramente coletiva, como defende FREIRE (1997), ao afirmar que “os homens se libertam em comunhão”.

Um dos aspectos observados durante a vivência no campo foi a atitude acolhedora da gestora, tanto com os estudantes quanto com os profissionais da instituição, essa postura já revela, na prática, um dos princípios fundamentais da inclusão: o acolhimento da diversidade humana, como parte natural da escola. A anotação que ilustra essa dimensão acolhedora:

> Hoje eu cheguei na creche antes de 7h30, antes das crianças chegarem. Notei que a gestora fica na entrada da creche para receber todas as crianças, de forma muito acolhedora para com todas as crianças, nisso eu notei que ela tem uma maior atenção voltada a crianças especiais, da maneira em que ela brinca com eles e diz frases acolhedoras também como “bom dia meu amor, que bom que você veio”, é perceptível que essa atitude da gestão é muito bem vista pelos pais, que se sentem mais seguros em deixar seus filhos na escola. (Extrato do Diário de Campo de 30/06/2025 – grifo dos autores).

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS E PERSPECTIVAS

A partir da análise dos dados obtidos por meio das observações e entrevistas realizadas no campo de pesquisa, foi possível perceber que a gestão escolar tem plena consciência do seu papel na promoção da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. As estratégias adotadas demonstram um

esforço e intenção de tentar criar um ambiente acolhedor, porém, a falta de direcionamentos e formações específicas e contínuas sobre o TEA dificultam a construção de uma prática verdadeiramente inclusiva.

Dessa forma, podemos afirmar que os objetivos traçados para esse estudo foram alcançados, uma vez que foi possível investigar a atuação e as estratégias utilizadas pela gestão, bem os principais desafios enfrentados no processo de inclusão das crianças com TEA. Além disso, o pressuposto da pesquisa também se confirmou, pois ficou evidente que a gestão escolar ocupa uma posição central na condução de ações que possibilitam (ou dificultam) a inclusão, especialmente quando se trata da articulação entre formação dos profissionais e condições estruturais para o atendimento das necessidades específicas de crianças atípicas.

Embora se trate de uma realidade com avanços importantes, ainda é necessário investir em uma atuação mais sistematizada e planejada por parte da gestão, com foco em práticas inclusivas que respeitem a singularidade de cada criança. Diante disso, como proposta de intervenção, sugere-se a construção coletiva de um plano de ação institucional voltado à inclusão de crianças com TEA. Esse plano pode incluir a realização de rodas de diálogo temáticas com especialistas, momentos formativos mensais com toda a equipe escolar e articulação com a Secretaria de Educação para garantir apoio especializado (como psicopedagogos, cuidadores e materiais adaptados).

Além disso, propõe-se a criação de um espaço permanente de escuta e acolhimento às famílias, fortalecendo a parceria entre escola e comunidade na promoção da inclusão. Assim, espera-se que a gestão escolar avance cada vez mais no compromisso com a educação inclusiva, garantindo que as crianças autistas tenham acesso não apenas à matrícula, mas também a uma experiência educacional digna, respeitosa e significativa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR: texto revisado**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARTNIK, Helena Leomir de Souza. **Gestão educacional**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

BIDDLE, B. J.; ANDERSON, D. B. Role theory: concepts and research. In: **Handbook of social psychology**. [S. l.]: Random House, 1986. v. 1, p. 237.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano CXLIX, n. 249, p. 2, 28 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 21 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GROCHOSKA, Marcia Andreia. **Organização escolar: perspectivas e enfoques**. 2. ed. rev. Curitiba: InterSaberes, 2014. (Série Pesquisa e Prática Profissional em Pedagogia).

LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e gestão da escola. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. São Paulo: Vozes, 2006.

LÜCK, Heloísa. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. São Paulo: Vozes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, C. C. de; VALENÇA, C. M. de. **Metodologia científica: análise e reflexão sobre a percepção dos graduandos**. 2015.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. 15. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. rev. ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

STEINER, Carlos Eduardo. **Aspectos genéticos e neurológicos do autismo: proposta de abordagem interdisciplinar na avaliação diagnóstica do autismo e distúrbios correlatos**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.